

SÍNDROME DE ASPERGER E O DESENVOLVIMENTO SOCIOAFETIVO DENTRO DE SALA DE AULA

Bárbara Cristina Aragão Ferreira
Bruna de Cássia Santana Drumond
Roseny Aparecida Vieira Pontes

RESUMO

A Síndrome de Asperger (AS) é considerada um grau leve do autismo que apresenta como características principais a dificuldade em interagir-se socialmente, falta de coordenação motora e apresenta interesse em uma área específica. Este artigo abordará uma breve reflexão sobre o conceito e histórico da SA e o importante papel do docente na construção do conhecimento do aluno fazendo com que ele desenvolva sua aprendizagem envolvendo o socioafetivo, proporcionando estratégias metodológicas que lhe façam progredir em seus maiores bloqueios, garantindo-lhe conhecimento e sua inserção no meio social.

Palavras-chave: Síndrome de Asperger; Socioafetivo; Estratégias Metodológicas; Inserção Social.

INTRODUÇÃO

De acordo com Hans Asperger (1944), os indivíduos com Síndrome de Asperger (SA) têm dificuldades em interagir socialmente com outras pessoas, na comunicação e na falha de flexibilidade de pensamento.

Diante dessa premissa, muitos desafios são lançados aos educadores pelo cenário educacional contemporâneo, que ora apresenta diversos fatores que podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, vislumbra-se apresentar uma reflexão sobre o desenvolvimento socioafetivo, no espaço da sala de aula, por alunos com SA.

Buscar uma melhor compreensão acerca dos sintomas que denominam a SA, trata-se de uma tarefa bastante desafiadora, porém necessária aos professores, haja vista apresentar-se com condição pouco conhecida e de grande complexidade no seu diagnóstico, uma vez que denota dificuldades na sua definição. De acordo com Moraes (2004), a Síndrome de Asperger, assim como outros quadros autísticos, tem sido definida como um transtorno evolutivo raro, caracterizado por um severo déficit no contato social, que surge desde a infância, persistindo até a idade adulta.

O intuito neste trabalho é destacar os principais conceitos sobre a síndrome, bem como apresentar um breve arcabouço histórico para maior compreensão, além de verificar as habilidades e competências necessárias ao professor para que possa atuar com alunos com a Síndrome de Asperger.

Dentro dessa temática, alguns autores como Hans Asperger, Piaget, Vygotsky, Maria Rodrigues configuram-se como base norteadora das pesquisas realizadas para construção deste trabalho, uma vez que as várias obras publicadas serviram de referência para o tema proposto, construído a partir da metodologia de revisão de literatura.

Algumas obras de autores e pesquisadores de referência sobre o assunto foram profundamente analisadas para que o trabalho em tela pudesse apresentar contribuições para os professores, uma vez que se faz necessário uma formação sólida, principalmente, àqueles que pretendem atuar no âmbito da educação especial e inclusiva.

CONCEITO E ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE A SÍNDROME DE ASPERGER

De acordo com Tamanaha (2008), em 1943, Kanner desenvolveu um estudo acerca do autismo infantil, sendo influenciado pela abordagem de desenvolvimento humano defendido por Arnold Gesell. Kanner chamou, inicialmente, seu estudo de Distúrbio Autista do Contato Afetivo, que caracteriza os indivíduos com aspectos díspares do comum como a dificuldade da interação com o meio, prejuízos acentuados na comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e predominância no sexo masculino.

A partir deste pressuposto, Hans Asperger, médico pediatra, um ano após os estudos de Kanner, desenvolveu o estudo denominado Psicopatia Autística, que indicou o transtorno como leve e sua principal característica o isolamento do ambiente social (PERISSINOTO, 2008). Além disso, foram precisos alguns anos para definir a Síndrome de Asperger, o que gerou transtornos nos ambientes escolares e familiares.

A Síndrome de Asperger tem conservado as habilidades intelectuais, porém é notório que as crianças apresentam defasagem na linguagem verbal e não verbal, mesmo que não diretamente afetado, envolvendo gestos e comunicação, empatia escassa, dificuldade de lidar com as emoções e a utilização de palavras de forma desnecessária. Além destas, outra importante particularidade da SA é a baixa coordenação motora que atinge diversas atividades cotidianas (TEIXEIRA, 2007).

Desta forma, as dificuldades apresentadas pelos indivíduos com síndrome de Asperger estão voltadas principalmente para questões ligadas ao cumprimento de regras exigidas pelo ambiente social ou até mesmo para as dificuldades em se envolver em atividades lúdicas que integrem outras pessoas, sendo que essas dificuldades podem deixá-lo com autoestima baixa, podendo interferir, ainda em suas relações interpessoais e, até mesmo, em seu processo de aprendizagem.

Como sua maior dificuldade está na interação social e na maneira desajeitada de fazer amizades, acabam tendo frustrações em suas relações. De acordo com Klin (2006, p. 09):

Cronicamente frustrados pelos seus repetidos fracassos de envolver outras pessoas e de estabelecer relações de amizade, alguns indivíduos com SA desenvolvem sintomas de transtorno de ansiedade ou de humor que podem requerer tratamento, incluindo medicação. Eles também podem reagir de forma inapropriada ou não compreender o valor do contexto da interação afetiva, geralmente transmitindo um sentido de insensibilidade, formalidade ou desconsideração pelas expressões emocionais das

demais pessoas. Podem ser capazes de descrever corretamente, de uma forma cognitiva e frequentemente formalista, as emoções, as intenções esperadas e as convenções das demais pessoas; no entanto, são incapazes de atuar de acordo com essas informações de uma forma intuitiva e espontânea, perdendo, dessa forma, o ritmo da interação. Sua intuição pobre e falta de adaptação espontânea são acompanhadas por um notável apego às regras formais do comportamento e às rígidas convenções sociais. Essa apresentação é responsável, em grande parte, pela impressão de ingenuidade social e rigidez comportamental, que é tão forçosamente transmitida por esses indivíduos.

Tais características diferem os estudos de Kanner, pois as crianças de Hans Asperger detinham uma linguagem no padrão formal da língua e não apresentavam tanta inibição, o que dificulta o diagnóstico precoce.

Segundo Bauer (1995), em alguns casos, há um claro componente genético, em que um dos pais (normalmente o pai) mostra o quadro Síndrome de Asperger completo ou pelo menos alguns traços associados a ela, fatores genéticos parecem ser mais comuns em SA do que no Autismo.

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO PROFESSOR PARA ATUAR COM ALUNOS COM SÍNDROME DE ASPERGER

O processo de ensino e aprendizagem pode se tornar um desafio para professores que se deparam com alunos com SA em suas salas de aula. Assim, é importante utilizar métodos envolvendo o socioafetivo, que é a relação entre a afetividade e o meio social.

A partir dessa premissa, vale ressaltar Maria Rodrigues (2003 p. 41 *apud* VIEIRA, 2013):

O desenvolvimento sócio-afetivo está relacionado aos sentimentos e as emoções em virtude de uma série de interesses, solidariedade, cooperação, motivação e respeito, visando desenvolver o indivíduo como pessoa, estimulando a formação de uma personalidade estável e equilibrada, desenvolvendo também o aspecto cognitivo, que é o desenvolvimento intelectual e a operação dos processos reflexivos e motor, que trata diretamente do movimento e do desenvolvimento da criança. Esses processos visam garantir a formação integral (sócio, afetivo, cognitivo, motor, espiritual) do aluno.

Tendo em vista que o desenvolvimento da criança se dá a partir de um processo interligado ao meio social e afetivo, o qual é estabelecido desde o seu nascimento, no ambiente familiar e, posteriormente, em sua relação com o professor, nos ambientes escolares, ambos têm importância no processo de ensino-aprendizagem e devem ser realizados de forma integrada.

Piaget e Inhelder (1973, p. 24) ratificam a afirmação acima com o seguinte pensamento: “Esses dois aspectos são, ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares: não é, portanto, muito para se admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”.

O aspecto cognitivo se dará a partir dessas duas variáveis e se forem trabalhadas de maneira contínua e conjunta, pois uma complementa a outra. Caso um destes não seja, concomitantemente, atribuídos ao processo de ensino e aprendizagem da criança, podem ocasionar a transformação do que já foi construído anteriormente, afetando o desenvolvimento do aluno. O trabalho conjunto ocasionará, também, a satisfação pessoal e a desenvoltura com os próximos, auxiliando o SA na autonomia de suas ações e no tratar com dos seus sentimentos.

Logo, o aluno com SA conseguirá desenvolver sua cognição de forma que haja o interesse do profissional, como diz Asperger (1944 p. 37-92 *apud* ORRÚ 2010, p. 11):

Estas crianças frequentemente mostram uma surpreendente sensibilidade à personalidade do professor (...) E podem ser ensinados, mas somente por aqueles que lhes dão verdadeira afeição e compreensão. Pessoas que mostram delicadeza e, sim, humor (...) A atitude emocional básica do professor influencia, involuntária e inconscientemente, o humor e o comportamento da criança.

Levando em conta que existe um amplo aspecto de necessidades a serem atendidas, também deve haver intervenções educativas a serem realizadas pelo professor. A partir disso, são necessários alguns princípios norteadores. Segundo a Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger (2007), em seu “Guia para Professores”, o ambiente que cerca o aluno precisa de uma incorporação apropriada, ligado à valorização dos conhecimentos adquiridos, principalmente nas habilidades que encontram mais dificuldades, resultando no sucesso do processo de aprendizagem. Enfatiza ainda que a legislação deve ser cumprida pelas escolas de maneira que correspondam às necessidades educativas específicas da criança.

Nem todas as crianças com esta síndrome precisam de salas de atendimento especializado, podendo participar de escolas da educação regular. Porém, há uma minoria que precisa de educação em centros específicos, o que corresponde a vários recursos e de atenção diferenciada.

Conforme prevê a Constituição Federal (BRASIL, 1988, art. 208), o Estado deve se responsabilizar pela educação e garantir que a mesma ocorra. O inciso 3º cita sobre o atendimento de alunos com necessidades especiais: “III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Além da Constituição Federal de 88, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 – (art. 58) preconiza sobre o aluno com Síndrome de Asperger e demais deficiências, transtornos globais ou superdotação, que devem frequentar escolas em suas respectivas classes normais, e se preciso receber apoio pedagógico e também de alguns profissionais da saúde, como cita o parágrafo primeiro: “§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial”.

O cognitivo das crianças com SA não é afetado clinicamente, a não ser que sofram a partir das complicações que a síndrome traz como o cumprimento de regras e as relações sociais, por isso, muitas vezes as salas de recursos não são necessárias, e pode-se resolver uma problemática com métodos que envolvam as relações socioafetivas, de maneira que espere a criança se acalmar para que a conversa ocorra com êxito.

Diante das dificuldades encontradas pelas crianças com SA, o professor, em sua prática docente, deve sempre estar em busca de melhorias para que compreenda a especificidade de cada aluno e em quais áreas básicas apresentam incapacidades. A Lei 13.146 de 6 de julho de 2015, que institui a Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em seu artigo 28, em relação ao professor, apresenta em alguns de seus incisos:

VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva;

VII - planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva;

IX - adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência;

X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado.

Considerando as leis que amparam os indivíduos com deficiências e dificuldades de aprendizagem, o professor deve enriquecer-se profissionalmente para que possa saber lidar com possíveis dificuldades apresentadas pelo aluno e intervir com seus conhecimentos prévios a partir de mediações realizadas, com base no aperfeiçoamento profissional adquirido por meio de estudos no âmbito e na sua formação docente, bem como na formação continuada.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem, algumas atitudes devem ser levadas em consideração visando a facilitar o trabalho do professor e o desenvolvimento do aluno no âmbito da sala de aula, conforme preleciona (ORRÚ, 2010):

- As escolas, em geral, apresentam rotinas diárias. Caso haja mudanças significativas de rotina, o professor precisa comunicar ao aluno com SA antecipadamente para que o mesmo não sofra impactos que o prejudiquem quanto ao desenvolvimento, criando estratégias para que o façam corresponder a realidade de que as situações mudam de acordo com as necessidades, possibilitando ao aluno com SA a construção do auto controle e autonomia.
- A construção de regras faz parte de nossas vidas. Em relação ao aluno com SA é importante que as regras sejam explanadas detalhadamente, pois, como foi

citado a cima, o aluno com esta síndrome compreende tudo ao pé da letra. Diante disso, o professor explicará que podem ocorrer exceções em seu cumprimento podendo alterá-las ou, em algum momento específico, não segui-las.

- Muitos professores têm dúvidas em relação a como deve repassar o ensino para o aluno com Asperger, sendo que deveriam preocupar-se em como este aluno aprende. Deste modo, considerará o conhecimento já adquirido e construirá possibilidades e estratégias didáticas para que ocorra a aprendizagem.

- O diálogo é o ponto crucial que possibilita ao aluno compreender as dificuldades vivenciadas no cotidiano, tornando-o consciente de sua condição no meio social e melhorando as relações professor-aluno e aluno-aluno.

Conforme destacado anteriormente, nem todas as estratégias aplicadas pelo professor podem ser sinônimas de bons resultados, haja vista que o aluno com SA pode apresentar comportamentos inesperados, dentre os quais a falta de controle emocional pode sobressair diante a situação. Possíveis tomadas de controle acerca do aluno são momentos de recreação, atividades em grupos, o que pode amenizar tais comportamentos. Uma conversa tranquila após o ocorrido também poderá auxiliar na mediação do comportamento apresentado.

O professor deve trabalhar o conhecimento de forma que o aluno seja construído a partir de hipóteses criadas pelos alunos. Com a criança com SA não é diferente, pois eles apresentam características próprias, elevando, possivelmente, o conteúdo lançado.

Fazer com que os alunos possam refletir sobre conhecimentos e ideias prévias e o novo conhecimento o leva a construir seus pensamentos e competências de modo que, realmente, aprenda.

Dentre as diversas estratégias que podem ser trabalhadas com alunos com SA, a utilização de brinquedos a partir de algumas regras, conforme discursa Vygotsky (1991, p.118), é uma delas.

No brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço - ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer - e, ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer no brinquedo.

Nessa premissa, quando o professor desenvolve atividades utilizando brinquedos que contemplam regras, poderá proporcionar ao aluno a realização de escolhas, o respeito às regras e o controle emocional, o que de fato é um dos grandes problemas a serem trabalhados. Vale ressaltar que este processo pode, ou não, atingir êxito, pois é uma estratégia que demanda tempo e metodologias diferenciadas, em que o profissional tem de ter interesses em adequar às habilidades do aluno.

Outra estratégia que pode proporcionar bem estar ao aluno com SA, são atividades em grupo, as quais podem fazer com que ele seja inserido socialmente e ativo no processo de ensino e aprendizagem. Caso o mesmo se negue a realizar a proposta (muito provável que ocorra), cabe ao professor escolher meios para avaliá-lo, podendo realizar a atividade juntamente ao aluno.

Esta forma de ensino foge do tradicional e pode atender as necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem e os que não possuem dificuldades e dividem o mesmo ambiente, sendo possível se o professor for um profissional reflexivo e bem atualizado em relação a sua formação. Dessa forma busca-se metodologias que auxiliem o aluno em seu estímulo, tornando-o sujeito ativo e construtor do próprio conhecimento.

Alunos com SA e com as demais dificuldades de aprendizagem são capazes de progredir e evoluir nos âmbitos cognitivos, físicos, psicológicos e sociais, ou seja, de forma integral, basta que haja estímulo, bem como um mediador capacitado que os auxilie e que não desista deles.

Assim, é notório que a formação do docente deve ocorrer de forma continuada, haja vista que a formação acadêmica é o início de um processo contínuo para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. O que norteia essa prática são leis que servem como o embasamento legal, levando em consideração, ainda, as pesquisas e a base teórica que servem de arcabouço para formação de um professor investigativo, que busque a prática de ações pedagógicas de acordo com a devida peculiaridade do aluno, respeitando seus limites e sua capacidade, o que poderá refletir positivamente em seu desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome de Asperger é inicialmente abordada por Hans Asperger, a quem deu o nome da síndrome, partindo dos estudos de Kanner, que pesquisava sobre crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo. Asperger verificou que algumas das crianças estudadas não se encaixavam totalmente com as características do autismo, e tinham menos sintomas ou até mesmo, não os apresentavam.

Tendo visto, sabe-se que a SA é considerado um grau leve do Autismo, havendo semelhanças apenas na interação social, falta de coordenação motora e foca apenas em uma área de interesse. Seu cognitivo e linguagem não são diretamente afetados, podendo ter uma elevação de QI em uma determinada área do conhecimento, dificultando o diagnóstico, tornando-o tardio.

Algumas estratégias poderão abrir um “leque” de possibilidades na desenvoltura do aluno. Importa ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem pautado pelas relações sócio afetivas, com a integração de brinquedos, jogos e brincadeiras e, ainda, atividades em grupo em sala de aula, serão de extrema importância, pois, por meio dessas metodologias, pode-se auxiliar na superação das dificuldades apresentadas pela criança com Síndrome de Asperger, bem como auxiliá-la para que venha desenvolver-se de forma integral.

Por ter dificuldades em interagir socialmente, é de suma importância a participação do professor no desenvolvimento cognitivo da criança com SA. Esta participação demanda estudos contínuos como,

formação continuada e capacitações, pois apenas a graduação pode ser ínfima para atender as necessidades desta educação especial.

REFERÊNCIAS

APSA-NORTE. **Síndrome de Asperger Guia para Professores.** Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwivo6HBLLNAhWNnJAKHcWvDpYQFggcMAA&url=https%3A%2F%2Fcl.d.pt%2Fdl%2Fdownload%2F38ebd77a-9bcd-4ea6-85e21c7e66ff0f58%2FSINDROME-DE-ASPERGER-GUIA-PARAPROFESSORES.pdf&usg=AFQjCNECr3Phzx4Oo0YQImq2AfK9adSLQg> Acesso em: 21 de março de 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Constituição de 1998. 40. ed. Atlas. São Paulo: 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9394/96.** Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996.

KLIN, Ami. **Autismo e Síndrome de Asperger: Uma Visão Geral.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002 Acesso em: 25 de maio de 2016.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A Psicologia da Criança.** 2ª Edição. Paris, França. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Brasil. Difusão Europeia do Livro. 1973. Pg 24.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3> Acesso em: 25 de maio de 2016.

TEIXEIRA, Paulo. **Síndrome de Asperger.** Disponível em: www.psicologia.com.pt Acesso em: 25 de maio de 2016.

VIEIRA, Martha Bezerra. **A Influência no Desenvolvimento Sócio-Afetivo na Aprendizagem de Escolares na Educação Física Infantil.** Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/desenvolvimento-socio-afetivo-na-educacao-fisica.htm> Acesso em: 31 de maio de 2016.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente.** Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo – SP.